

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

JOCI APARECIDA DE SOUZA

**QUANDO PROBLEMA E CRISE PODEM SER UTILIZADOS COMO ESTRATÉGIA
DE ENSINO?**

Porto Alegre – 2010

JOCI APARECIDA DE SOUZA

**QUANDO PROBLEMA E CRISE PODEM SER UTILIZADOS COMO
ESTRATÉGIA DE ENSINO?**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador Prof. Dr. Paulo Albuquerque

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Professoras Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

QUANDO PROBLEMA E CRISE PODEM SER UTILIZADOS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO?

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador Prof. Dr. Paulo Albuquerque

Aprovado em ____/____/____

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso “Quando problema e crise podem ser utilizados como estratégia de ensino?”, Elaborado por Joci Aparecida de Souza, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Nome
Titulação

Nome
Titulação

Nome
Titulação

O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo. As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se e de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo.

Paulo Freire – Pedagogia da Indignação

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que acreditam
que uma Educação Pública de qualidade
é possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais (in memorian) José Marques de Souza e Eva Nunes de Souza, pessoas simples, que apesar da pouca instrução souberam transmitir aos filhos a necessidade de persistir na busca da realização dos seus sonhos, a valorar tudo o que se relaciona ao aprendizado, a respeitar o ser humano e toda espécie de vida e, acima de tudo, a amar o trabalho.

Agradeço a meus filhos e neta Ricardo Vitória, Kátia Vitória e Júlia Vitória Rodrigues o apoio, a paciência e compreensão pelo pouco tempo que pude dedicar a eles, nestes nove semestres dedicados ao PEAD.

Agradeço às minhas amigas Vilma Darde Ruiz e Carmem Maia pelas palavras de incentivo e pelo ombro oferecido nos momentos mais complicados.

Agradeço à Chamla Abdul Khalek, colega de PEAD, amiga e ser humano maravilhoso, o exemplo de força e determinação.

Agradeço aos idealizadores do PEAD – UFRGS, por tornarem possível a realização do sonho, adiado por tanto tempo, de graduar-me na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Impossível não agradecer a todos os professores e tutores das interdisciplinas dos nove eixos do PEAD, em especial à Rossana Perdomini Della Costa, Tutora de Sede, Mestre em Educação, por me mostrar possibilidades que eu não conseguia perceber, por me incentivar e me apoiar durante o estágio e a elaboração deste trabalho.

À professora Luciane Corte Real por ter me apoiado e incentivado a acreditar em minha capacidade em um dos momentos mais especiais do PEAD, a participação do 5º Salão de Educação à Distância da UFRGS, meu agradecimento especial. À querida tutora Eliana Ventorini, o suporte na construção do Projeto de Aprendizagem que foi apresentado na ocasião. À Maura Marques de Souza Nunes, primeira a me instigar a refletir sobre minha prática e minha fala. À Grace Milcharek

por tornar as aulas presenciais mais leves, recebendo-me com um abraço carinhoso, sorriso estampado e auxílio técnico.

Finalmente, agradeço ao professor Paulo Albuquerque, Doutor em Sociologia, Supervisor de Estágio e Orientador deste trabalho, exemplo de sabedoria e humildade, pela tolerância, incentivo e apoio.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é o resultado das ações realizadas durante o estágio obrigatório do Curso de Pedagogia à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado em uma turma de quarta série do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Pública Estadual. A escola citada situa-se na periferia de Porto Alegre, em um bairro considerado de alta periculosidade. Tais ações partiram das necessidades observadas durante este período. Muitas foram as situações relatadas pelos alunos da turma envolvendo a realidade em que vivem e, conseqüentemente, seus dramas familiares. Este trabalho tem a pretensão de trazer para discussão a possibilidade da utilização dos problemas encontrados em sala de aula como estratégia de ensino. Estas foram pensadas com o objetivo de auxiliá-los em uma ampliação de respostas diante de novas situações/problemas que venham a enfrentar. Busquei nos ideais de Paulo Freire, contidas nas obras Pedagogia da Autonomia, Pedagogia da Indignação e Educação e Mudança, o suporte teórico para embasar meu trabalho. Segundo este educador não basta que se tenha conhecimento da realidade em que estamos inseridos, faz-se necessário que se reflita a respeito e que sejamos conscientes da possibilidade de transformá-la. Foi possível constatar que o aluno sente necessidade de ser ouvido e ao ser ouvido, sente-se valorizado. Além disso, percebe-se que a escola é a instituição que representa a esperança de dias melhores, principalmente para a população de baixa renda, pois é o local onde o futuro de cada um está sendo construído.

Palavras chave: Mudança, Modelo e Crise/Problema

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. O contexto – Campo fértil para este estudo de caso.....	12
3. O começo	14
3.1. Começando a problematizar	15
3. 1. 1. Acolhida dos familiares	17
3. 1. 1. 1. O problema, os problemas	19
4. Diante de um problema, uma possibilidade	21
4. 1. Entre amplexos e ósculos	23
5. Trabalhando com conceitos mudanças, modelo e crise-problema	25
6. Teorizando	26
Referências	29
Anexo A	30
Anexo B	31
Anexo C	32
Anexo D	33
Anexo E	34

1. INTRODUÇÃO

Sempre que há alguma referência à escola pública de periferia a impressão deixada é que o maior problema da comunidade escolar que a freqüenta é o econômico. Pois a minha experiência, acumulada em anos de trabalho em sala de aula, como professora titular de turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental, me dá subsídios para afirmar que não é bem assim e que as relações familiares, as situações de maus tratos, o descaso, a indiferença, o desamor, estas sim são as maiores adversidades que as crianças da Rede Pública de Ensino enfrentam.

Ao realizar o estágio obrigatório, com uma turma de quarta série¹ do Ensino Fundamental, do curso de Pedagogia, modalidade à Distância, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, as questões acima citadas salientaram-se. Foi então que surgiu o interesse de utilizar minha experiência de estágio para refletir sobre quando o “problema” pode ser usado como estratégia de ensino e como usá-lo a favor da turma, de sua aprendizagem.

Desta forma, no primeiro capítulo deste trabalho apresento a escola e a turma que serviram como “campo de estudos”, de onde surgiram as situações durante o período de estágio e que se tornaram os fundamentos para esse Trabalho de Conclusão de Curso.

No segundo capítulo trago a Justificativa e os Objetivos Gerais do projeto elaborado para o estágio e que promoveu os dados empíricos para serem analisados. Na sequência, em capítulos a parte, há relatos de algumas situações ocorridas, as transcrições de produções de alguns alunos comprovando tais fatos e as estratégias de ensino que surgiram a partir daí.

Busquei auxílio nas obras de Paulo Freire, principalmente em Educação e Mudança e Pedagogia da Autonomia deste educador, para meu embasamento teórico. Recorri também a Humberto Maturana, que com tanta propriedade explica

¹ Quarta série do Ensino Fundamental de oito anos. Na referida escola, somente em 2011 haverá o quinto ano, Ensino de nove anos.

as relações humanas, as emoções e a Maurice Tardif, cujas colocações a respeito do trabalho docente dão suporte aos pressupostos teóricos deste TCC.

2. O CONTEXTO – CAMPO FÉRTIL PARA ESTE ESTUDO DE CASO

A escola onde realizei o estágio obrigatório do Curso de Pedagogia – Modalidade à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que me deu subsídios para a realização deste trabalho está situada na zona norte de Porto Alegre, em um bairro de periferia. Por seu porte e estrutura é ponto de referência e considerada pela Secretaria de Educação como Escola Polo².

É a única escola das proximidades a contar com Ensino Médio além do Fundamental, desta forma é bastante requisitada. Tem aproximadamente três mil alunos, distribuídos em três turnos: manhã, tarde e noite e grande parte deles é oriunda de outros bairros e vilas da região. Pelo histórico de freqüentes arrombamentos, assaltos e vandalismo contra o patrimônio público, a escola, considerada como sendo de alta periculosidade, conta com guarda armada durante as vinte e quatro horas do dia.

É importante frisar que trabalho nesta escola há dezessete anos e isto foi um facilitador para o trabalho que me propus desenvolver, pois sabedora dos problemas que constantemente enfrentamos e conhecendo a comunidade escolar que a freqüenta pude, antecipadamente, prever as necessidades que poderiam surgir durante a execução de meu projeto. Apesar disso, ao conhecer a turma com a qual faria o estágio fiquei insegura, quarta série, com um total de trinta e quatro alunos, muitos deles repetindo a série, com idades variando entre os dez e dezesseis anos, dois alunos de inclusão, outros tantos com transtornos diversos e boa parte deles com histórico de agressividade e de situações familiares extremamente complexas.

A respeito dos alunos de inclusão que fazem parte da turma, cabe aqui um adendo: a ex professora de um deles, o L. M., relatou-me que o mesmo havia sido

² As escolas estaduais são organizadas por eixos, respeitando a localização de cada uma. Em cada um destes eixos uma escola é escolhida como Polo. Estas escolas servem de local de encontro de Diretores, Equipe Diretiva ou de Professores, para tomada de decisões ou discussões a respeito de alguma determinação da SEC, ou ainda, para a realização de Cursos de capacitação profissional.

aprovado para a quarta série, porque se amparou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que prevê no Capítulo V, artigo 58, a promoção direta de alunos com problemas mentais. Na época eu estava tão envolvida com outras questões que não a questioneei sobre sua decisão ou sobre as potencialidades do garoto. Passado algum tempo, encaminhei-o para o Setor de Orientação Educacional e soube pela mãe que apesar de ter sido diagnosticado como portador de um retardo mental significativo, idade mental de seis anos, não tinha nenhum atendimento especializado desde que completara quatorze anos.

Entendo que a inclusão do aluno com necessidades especiais em escolas regulares é necessária e importante para sua inserção social, mas basta oferecer vaga em uma turma para que esta criança seja considerada incluída? Obviamente que não, é preciso que seja oferecida a ela uma situação real de aprendizagem também. Em relação ao meu aluno L., que aqui será chamado de Luís, a professora encarregada pelo SOE, conseguiu que o mesmo iniciasse um atendimento em uma sala de apoio, no turno inverso ao que frequenta na escola. Este atendimento acontece duas vezes por semana, é feito por uma psicopedagoga, em outra escola e a família está recebendo auxílio para transporte.

Retorno, então, à LDB e penso que ainda há muitas dúvidas sobre as disposições a respeito da inclusão, uma delas versa sobre a avaliação e promoção escolar. Luís passou pela série anterior, ano de 2009, sem ter tido a mínima exigência, nenhuma atividade diferenciada lhe foi proposta, pois segundo sua antiga professora: “Não iria adiantar, ele deveria ser aprovado, para que iria me desgastar.”. Assim, foi avaliado com os mesmos instrumentos que o restante da turma, recebeu conceitos insatisfatórios em todos os trimestres e no parecer do último trimestre, consta: “Apto para cursar a 4ª série. Parabéns!”.

Terminantemente, não posso concordar com a inclusão que aí está. Penso que inicialmente será necessário um longo trabalho com os professores para estudar a LDB e interpretá-la de forma adequada, pois o que está disposto no cap. V, tem sentido dúbio: “*o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados*”. Depois de conhecer suas disposições³, será necessário

³ É uma solicitação antiga dos educadores, um estudo mais metucioso a respeito das disposições da LDB a respeito da inclusão de alunos com necessidades especiais em turmas regulares. Pouco se

o estágio. Penso ser importante tecer algumas colocações a respeito do ofício de ser professor. Tardif (2003) refere-se aos objetivos dos professores como sendo uma tarefa coletiva e temporal de efeitos incertos. Tenho claro que no caso do projeto citado, aplicado em uma turma com tantos problemas jamais poderiam ser esperados resultados em curto prazo. Ao chegar à escola o aluno traz uma bagagem de vida, resultado de suas experiências, junta-se a essas, as adquiridas durante os anos de sua permanência no ambiente escolar. Obviamente que o resultado de alguns objetivos elencados, como no caso da leitura e escrita é passível de ser observado em um período determinado. Entretanto, os resultados de um trabalho que envolve a construção de valores morais, auto estima e valorização do ser humano não podem ser esperados em um curto espaço de tempo. O fato de poder continuar com a turma, após a realização do estágio representou um tempo a mais para realizar minhas observações e constatar as necessidades de mudanças de algumas estratégias aplicadas. Assim mesmo, sabe-se que independente dos esforços envolvidos, as possibilidades dos objetivos elencados atingirem à totalidade dos alunos é praticamente nula.

3.1. COMEÇANDO A PROBLEMATIZAR

Elaborei o projeto para este período acreditando que o envolvimento de familiares na busca por informações sobre seus ancestrais poderia ser o elemento necessário para a aproximação de escola e família, pois entendo que o sucesso de um trabalho realizado em sala de aula está ligado ao apoio dos familiares.

Abaixo estão a justificativa e objetivos do projeto citado.

III – Justificativa da proposta de trabalho

Atuando em uma escola de periferia da Porto Alegre, com uma turma onde as diferenças são tão evidentes, onde os históricos familiares giram em torno de agressividade e abandono, percebi a necessidade de um trabalho de valorização do ser humano, de resgate de valores morais tão necessários a formação da cidadania.

Serão abordadas as questões étnico-raciais: discriminação racial preconceito, formação do povo brasileiro, contribuição do índio e do negro para a nossa cultura e também um pouco da história da África.

Além disso, creio que é muito importante a valorização do bairro onde vivem e para isso é importante que conheçam as mudanças que ocorreram ao longo dos anos provocadas ou testemunhadas por seus antepassados. Desta forma, acredito, perceberão a importância

de cada um deles para a sociedade, pois a história é construída dia-a-dia, com a participação de cada um de nós.

V – Objetivos Gerais

Com o desenvolvimento deste projeto, pretendo que meu aluno compreenda sua importância na sociedade, que há possibilidades de modificar a realidade na qual está inserido e que valores morais são necessários para o convívio social.

Que entenda que o povo brasileiro é resultado da miscigenação de muitos povos e que nossa cultura é tão rica, por conta de toda esta diversidade.

Que desenvolva habilidades para produzir textos com coesão e consiga compreender as possibilidades de solucionar problemas a partir de observações, deduções, levantamento de hipóteses e argumentações.

Que entenda que faz parte da natureza e que é preciso desenvolver atitudes em defesa do meio ambiente, pois disso depende a continuidade da vida em nosso planeta.

Penso que a aprendizagem está ligada ao grau de importância que a criança destina ao assunto em questão, se não está relacionada a seus interesses ou se desconhece a necessidade de seu aprendizado, ela a ignora. Sendo assim, entendi ser importante dar significado a aprendizagem deles. O trabalho sobre a miscigenação brasileira trouxe à tona questões envolvendo preconceito racial e discriminação. Percebi que tais situações poderiam ser as responsáveis por desencadear atitudes agressivas entre eles.

As atividades⁶ que propus para conhecerem seus antepassados mobilizaram famílias inteiras e aquilo que era motivo de desconforto e descontentamento passou a ser comentado em sala de aula normalmente. Percebi que meu intento estava sendo alcançado quando ouvi de João⁷, um aluno que está repetindo a quarta série e que até o ano anterior demonstrava problemas sérios de comprometimento com sua aprendizagem, de socialização, com um comportamento agressivo em relação a colegas e professores: *"Prô, se não fosse este trabalho, a gente nunca ia saber que é assim que a história é feita, a gente que faz ela. O que está acontecendo hoje também vai ser a nossa história."*

A cada nova descoberta sobre suas origens, a curiosidade sobre o assunto aumentava e muitos faziam seus relatos demonstrando um orgulho enorme de suas histórias de vida. Diante de cada colocação feita pelos alunos, eu solicitava ao restante da turma que participasse dando opiniões, fazendo algum comentário ou

⁶ As referidas atividades foram iniciadas com entrevistas com os familiares e pesquisas em documentos e fotos antigas, a respeito de seus antepassados.

⁷ Nome fictício do aluno.

sugerindo novas fontes de consultas. Minha intenção com isso era que houvesse um envolvimento de todos, que eles aprendessem a compartilhar as alegrias com as novidades trazidas. Acredito que isso foi uma das causas da mudança de atitudes de parte da turma: passaram a ser mais receptivos, mais compreensivos com os colegas e muito mais respeitosos. Penso também que outro fato que colaborou para esta nova situação foram as minhas intervenções, parabenizando-os pelas conquistas de suas pesquisas, elogiando as atitudes de respeito e desafiando-os a saírem em busca de novas descobertas.

Uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar os alunos, mas igualmente de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias seus próprios bloqueios afetivos.

Acolho as palavras de Maurice Tardif por concordar piamente com as mesmas, sendo o docente um ser humano é impossível desconsiderar seus sentimentos. Penso que parte do sucesso do trabalho relatado acima tem a ver com a sinceridade das palavras, do carinho depositado em cada uma delas e na verdade que meus alunos perceberam em cada gesto de incentivo. Entendo que o acolhimento do aluno pelo professor é o primeiro passo para o sucesso de qualquer planejamento. Vou além, penso que as respostas para as dificuldades que alguns docentes encontram em manter a disciplina em sala de aula ou o baixo aproveitamento em alguma matéria, estão na relação de afeto que existe ou não entre eles.

3.1.1. ACOLHIDA DOS FAMILIARES

As discussões em sala de aula à cerca de histórias familiares, antepassados e ancestralidade causaram repercussão imediata em alguns núcleos familiares. Foi o caso da visita da mãe de uma aluna à escola para agradecer a forma respeitosa com que estavam sendo abordadas as questões raciais e para informar que a menina, apesar deste trabalho, estava sendo discriminada pela sua aparência física e que ela descobrira o problema da filha através da leitura de suas reflexões⁸.

⁸ Atividade que foi pensada e proposta aos alunos, depois de terem surgido alguns problemas familiares mais complexos, que deram origem à questão deste Trabalho de Conclusão de Curso. Esta atividade está detalhada no capítulo 4.

A proposição de pesquisas a respeito das características físicas relativas a cada uma das raças foi de extrema importância para a resolução desta situação, pois aquilo que estava sendo visto como um defeito pessoal passou a ser encarado como algo normal, próprio da raça. Um tempo depois, ouvi-a dizer a uma colega que sua testa era larga porque é uma característica da raça negra e das misturas de raças que haviam acontecido ao longo dos anos. O importante é que falou isso com muita tranquilidade, não estava justificando sua aparência física, mas relatando suas descobertas à amiga.

A visita da mãe de minha aluna à escola deu-me o retorno que precisava para continuar com o trabalho que estava sendo desenvolvido. Além disto, com o relato de que soube do fato pela reflexão lida no caderno da filha, entendi que o trabalho realizado em sala de aula estava alcançando de forma positiva os lares de meus alunos.

Acredito ser importante tecer algumas considerações sobre as estruturas familiares. Apesar de ser a família o primeiro grupo social do ser humano, e ser neste núcleo onde o indivíduo deveria receber os primeiros exemplos de valores morais, de afeto e proteção, além de ter suas necessidades materiais básicas atendidas, é cada vez mais comum perceber o desamparo de nossos alunos. As queixas por parte deles são inúmeras e as desculpas dos familiares ainda em maior número. Penso que a pouca atenção destinada à criança pelos seus, faz com que ela se sinta desprestigiada, desvalorizada e assim sua auto imagem é abalada.

No caso do relato feito pela mãe da aluna K, apesar de certa preocupação demonstrada com a menina, há a afirmação do pouco conhecimento da rotina da criança. Disse-me, na época, que era como se estivesse conhecendo a filha somente agora, percebendo o quanto havia crescido, pois o trabalho a afastava muito de casa e que só a partir do início desta atividade teve ciência do quanto a K precisa de sua presença. Sendo assim, está conversando mais com a filha, dedicando um tempo maior à menina. Mas este foi um caso pontual, existem muitas outras famílias que, infelizmente, sequer tem conhecimento daquilo que está acontecendo em sala de aula. Não por falta de incentivo da escola, mas por descaso.

3.1.1.1. O PROBLEMA, OS PROBLEMAS

Mas, alguns problemas de maior complexidade começaram a emergir e para exemplificar eis o poema⁹ que a aluna Maria¹⁰ escreveu sobre sua história familiar:

"Origem, Eu sou descendente de africano, e minha vó de americano. Tudo que eu sei, eu pesquisei. O que trago em minhas palavras agora, eu escrevo toda hora. Pensava que era americana mas sou africana. Meu tataravô era escravo do Brasil. Tudo que ele fazia era trabalhar, trabalhar, sem nem poder descansar. Não havia tempo de pensar, nem respirar. Essa foi a minha trajetória para eu poder contar a minha história. Se não tivesse acontecido eu não teria nascido. E hoje eu estou aqui bem feliz porque nasci. Fim..."

A aluna em questão tem histórico de repetências, de ser pouco participativa e muito insegura. Tem doze anos e aos três, depois de muitas internações hospitalares, sua mãe recebeu o diagnóstico de Síndrome de Imuno Deficiência Adquirida, AIDS. Neste poema Maria relata suas descobertas em relação a sua cor, ao contrário do que escreveu em sua autobiografia¹¹ no início do ano letivo, quando afirmou ter sido abandonada pelo pai por ser branca. No decorrer do semestre, realizando entrevistas com familiares e pesquisas, ouvindo histórias e debatendo o assunto, descobriu-se negra, descendente de um escravo e isto não lhe pareceu mais uma anormalidade.

Outro fato marcante surgiu a partir da proposição de uma produção textual. A aluna, que chamarei de Mariana¹², escreveu: *"Eu nasci em Porto Alegre, eu morava numa casa de madeira com os meus pais quando eu era bebê, depois mudamos para outra casa. Lá eu conheci amigos. Moramos lá muito tempo, até nós mudarmos*

⁹ Esta produção textual foi escrita, depois de um trabalho efetivo de entrevistas e pesquisas com os familiares para conhecerem suas histórias familiares.

¹⁰ Nome fictício da aluna.

¹¹ No início deste ano letivo, foi por mim solicitado aos alunos que escrevessem suas histórias de vida, ou seja, suas autobiografias. Na época, fiquei impressionada com as colocações desta menina a respeito do descaso do seu pai, com quem não tem mais convívio, por ter herdado da mãe a cor branca. Segundo a garota, ele a abandonou, ainda pequena, por este motivo. A situação me pareceu mais preocupante porque a garota é negra, a cor de sua pele não é branca como relatou. Quando propus a elaboração do autorretrato à turma, ela se retratou clara, com a pele rosada.

¹² Nome fictício da aluna.

de novo para um apartamento. As coisas ficaram mais difíceis, os meus pais brigavam, até eles se separarem. No dia do aniversário do meu pai no ano passado, a minha mãe foi trabalhar de noite, eu estava na minha vó, o meu pai chegou lá e estava convidando todo mundo para ir para pizzaria. Ele pediu a moto para o meu tio para buscar minha mãe. Passou horas e ele não voltou. O meu tio chegou chorando, a minha vó mandou eu e minha prima para casa da outra vó. Todo mundo chorava e eu descobri que meu pai tinha matado minha mãe. Passaram meses, o meu tio também faleceu. Fiquei mais triste ainda.”

Foi a partir deste escrito que tive muito mais presente que a realidade de meus alunos era muito mais difícil do que supunha a princípio, e que se esta menina sentiu necessidade de escrever sobre este assunto era porque isso a incomodava e de alguma maneira precisava pôr para fora. Chamou minha atenção a força¹³ demonstrada por aquela criança, a tristeza pelas perdas, pelas ausências e ao mesmo tempo a meiguice de seu sorriso e a vontade de aprender, de ter um futuro promissor para auxiliar os avós e a irmã menor.

O fato acontecido com esta menina comoveu toda a comunidade escolar. A morte de sua mãe, ex-aluna da escola, foi na praça ao lado da escola. O ocorrido foi em 2009 e tínhamos dúvidas a respeito de como esta menina conseguiria superar o fato. No início deste ano estava arredia, pouco participativa e sem nenhum comprometimento com sua aprendizagem. Confesso que, apesar de ter consciência de que não poderia deixar de realizar um trabalho efetivo sobre as histórias familiares com a turma em função desta aluna em específico, fiquei preocupada, tive receio de que pudesse regredir ainda mais. Nos dois próximos capítulos é abordada a necessidade de criar novas possibilidades de ensino a partir dos problemas encontrados.

¹³ Muitos denominam de Resiliência à característica do ser humano de superação de um problema deste porte. Para este vocábulo no dicionário Houaiss, 2001, há dois significados, um relacionado com a Física: propriedade que alguns corpos apresentam de retornar a forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica e outro relacionado com o comportamento humano: capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças. Muitos são os estudos na área de Psicologia a este respeito. Mas o presente trabalho não tem a pretensão de discutir o assunto, minha intenção é levantar a questão de “Quando o problema e crise podem ser utilizados como estratégia de ensino?”.

4. DIANTE DE UM PROBLEMA, UMA POSSIBILIDADE

Não há novidade alguma em dizer que professores das séries iniciais do Ensino Fundamental de escola pública, são constantemente confundidos com profissionais das mais diversas áreas: médicos, psicólogos, enfermeiros, terapeutas familiares e muitos outros. Penso que muitas vezes isso acontece porque assumimos, refiro-me às educadoras de uma forma geral, estes papéis por não podermos contar com profissionais especializados em cada uma das áreas anteriormente mencionadas, em nossas escolas.

No segundo capítulo deste trabalho, cito Maurice Tardif para embasar minhas palavras a respeito de ser o docente antes de qualquer outra coisa, um ser humano e de ser seu trabalho baseado em emoções, em afetividade. Diferente de outros profissionais, o professor lida com vidas em expansão, seres em desenvolvimento, cada um com uma realidade diferente e precisamos envolvê-los, dar significado a aprendizagem deles. Entendo ser necessário fazer esta ressalva, para explicar minha reação diante das situações descritas por Maria e por Mariana. Preocupei-me por entender que alguém, com tão pouca idade e enfrentando problemas tão sérios, sem ter com quem conversar, estava pedindo socorro, queria ser ouvida, precisava dividir suas preocupações. Mesmo porque a infância é a época mais feliz, ou deveria ser, onde os maiores problemas deveriam estar de acordo com a faixa etária em questão: estudar para uma atividade avaliativa, controlar o horário para não chegar atrasada na escola, a discussão com a melhor amiga, entre tantas outras. Que realidade é esta que submete nossos pequenos a enfrentar problemas tão sérios? Como podem ter a tranquilidade necessária para realizar suas aprendizagens? E quantos outros alunos estariam passando por situações conturbadas, necessitando serem ouvidos?

Concordo com Paulo Freire quando afirma que “Ensinar exige saber escutar”, é impossível ignorar as dificuldades que o aluno enfrenta. É preciso conhecer a realidade em que vivem e para que isso aconteça é necessário ouvi-lo. Pode-se pensar que o fato de conhecermos o contexto familiar de uma criança, nada acrescentará ao professor e, conseqüentemente, não alterará o trabalho que será

realizado com a turma. Sabe-se que, infelizmente, muitos são os professores cujos discursos freirianos não condizem com suas práticas. Afirmam que ao elaborarem seus planejamentos levam em conta os conhecimentos de seus alunos adquiridos até o momento e que reconhecem a importância do diálogo. Declaram, ainda, que todas suas ações pedagógicas estão pautadas na realidade em que os mesmos estão inseridos.

Percebo que há boa vontade por parte de alguns, mas ao depararem-se com “o que fazer” com o conhecimento da realidade de vida de seus alunos, desistem e buscam desculpas para isso na obrigatoriedade de seguir um currículo, que por sua vez foi elaborado pelo próprio grupo de professores. Utilizam-se disso como se fossem coisas antagônicas, como se não fosse possível trabalhar os conteúdos necessários de uma forma a contemplar as necessidades da comunidade escolar. É claro que toda e qualquer mudança demanda boa vontade por parte do educador, e acredito importante frisar que nos últimos anos, essa necessidade de mudança é vista com bons olhos pelas equipes diretivas de nossas escolas. Sem dúvida nenhuma, um trabalho em equipe só alcançará o sucesso quando os objetivos forem os mesmos.

A proposta de utilizarem alguns minutos da aula para escreverem sobre o que tivessem vontade surgiu assim. A escrita de uma forma geral, o conhecimento das regras para uma produção textual, a utilização de um vocabulário diferenciado do oral e das normas gramaticais é uma preocupação constante de todo educador. Em meus primeiros contatos com a turma percebi que precisaria realizar um trabalho efetivo para desenvolver esta competência. Com a proposição da atividade que citei no início deste parágrafo, busquei atender a necessidade de desenvolver uma competência com a possibilidade de ao escreverem sobre o que tivessem vontade, aliviassem seus medos, suas angústias.

Tenho muito claro que isto não resolverá seus problemas familiares, minha intenção nem poderia ser esta, tendo em vista a complexidade de algumas situações. Meu objetivo é que escrevam. Se tiverem algo que incomode, isso os auxiliará a ter clareza sobre o assunto e desta forma talvez, com o tempo, mais maduros, poderão encontrar algumas respostas. Se ao contrário, nada tiverem com que se preocupar que aprendam a compartilhar, por escrito, suas conquistas e

felicidades. Esta atividade foi batizada como “Reflexão”, tornou-se tão importante que a fazem até hoje. Muitos “segredos” me foram confidenciais desta forma: a decisão da juíza que cuidou da guarda da Mariana e da sua irmãzinha, que entendeu e levou em conta a vontade das meninas de ficar com a avó materna, a dor de André pela morte da avó que o criou até então, a felicidade pela conquista de uma mudança de faixa do judô, a indecisão frente à necessidade de uma transferência da escola, entre tantos outros. Alguns se contentam em relatar algum fato ocorrido durante o recreio ou fazem alguma crítica sobre alguma atividade realizada. Muitos encontraram aí uma forma de serem ouvidos pela família, como no caso relatado em capítulo anterior sobre a aluna K.

Independente do teor daquilo que escreveram pude perceber algumas mudanças comportamentais imediatas: laços afetivos foram criados entre nós e em alguns casos se estreitaram ainda mais, meus alunos tornaram-se mais seguros e demonstraram isso em suas participações orais nos momentos em que precisavam se posicionar ou argumentar. Além disso, meus alunos estão produzindo textos, escrevendo cada vez melhor, estão aprendendo a expressar, por escrito, suas opiniões e sentimentos.

4.1. ENTRE AMPLEXOS E ÓSCULOS

Um texto, Amplexo de Marcelo Alencar, trabalhado durante o período do estágio obrigatório, com a única pretensão de provocar curiosidade a respeito de algumas palavras desconhecidas, desencadeou uma série de relatos onde a queixa comum de meus alunos, era o pouco caso demonstrado por seus familiares pelas aprendizagens realizadas. Muitos deles referiram-se ao pouco contato que tinham com os pais ou responsáveis, em função do trabalho dos mesmos ou da pouca escolaridade dos mesmos, o que, segundo as crianças, não permitia que os auxiliassem na elaboração das atividades. A descoberta do significado das palavras amplexo e ósculo trouxeram à tona, alguns relatos da pouca afetividade que existia entre os membros de suas famílias.

No dia seguinte à realização da atividade em sala de aula, uma aluna, a Y, relatou que ao chegar em casa, havia pedido um amplexo e um ósculo a seu pai que, furioso, disse que a menina só exigia gastos financeiros e ele não tinha

condições para isso. É claro que ela explicou a ele do que se tratava e acredito que ela tenha entendido que a reação do pai era consequência da ignorância dele a respeito do que estas palavras realmente significam.

Seja como for, elas receberam uma conotação especial pela turma. Diante disso, sugeri que fossem escritas em um painel, pois mereciam destaque. A sugestão foi acolhida e deu origem ao Dicionário de Parede. Atualmente o painel foi substituído por um mural com mais de uma centena de palavras com o significado explicado por meus alunos. Elas são escolhidas em casa, com a utilização de um dicionário e com o auxílio de um familiar. Ao produzirem um texto em sala de aula é ali que buscam inspiração. Algumas, ao longo do tempo serão esquecidas, mas certamente, as palavras amplexo e ósculo serão guardadas para a posteridade, pela acolhida que receberam da turma e por estarem associadas à afetividade.

Muitos são os estudos que relacionam as emoções com a qualidade de vida do ser humano. Sobre as emoções e interações humanas Humberto Maturana afirma:

“Para que haja história de interações recorrentes, tem que haver uma *emoção* que constitua as condutas que resultam em interações recorrentes. Se esta emoção não se dá, não há história de interações recorrentes, mas somente encontros casuais e separações. Existem duas emoções pré-verbais que tornam isto possível. São elas: a rejeição e o amor. A rejeição constitui o espaço de condutas que negam o outro como legítimo outro na convivência; o amor constitui o espaço de condutas que aceitam o outro como um legítimo outro na convivência. A rejeição e o amor, no entanto, não são opostos, porque a ausência de um não leva ao outro, e ambos têm como seu oposto a indiferença. [...] E é por isto que o amor é a emoção fundamental na história da linhagem homínida a que pertencemos.”

Concordo com Maturana sobre ser o amor a emoção que fundamenta as relações humanas e que na falta dele não existe um relacionamento efetivo, mas encontros casuais apenas. Mais ainda, sempre acreditei na importância da afetividade nas relações entre professor/aluno, entendo que a criança que recebe afeto na escola quer permanecer nela, demonstra mais segurança e desta forma mais tranquilidade para realizar suas aprendizagens. No caso de crianças com histórico de relacionamentos familiares conturbados, onde a desestrutura familiar é uma constante, a afetividade recebida na escola é mais importante ainda.

Apesar de ter claro que as histórias relatadas por meus alunos são comuns em grande parte dos lares brasileiros, pensei que seria interessante utilizar o problema para motivá-los a enriquecerem o vocabulário e ao mesmo tempo envolverem os familiares neste processo. Desta forma estão levando um pouco de cultura para casa, estão sentindo-se valorizados e incluídos nos núcleos familiares. Sem contar que há uma interação entre os familiares e com isso estreitam-se os laços afetivos.

Diante do que aqui relatei minha pretensão ao elaborar este trabalho é trazer para discussão a possibilidade de utilizar o problema, a crise, como uma estratégia de ensino e desta forma possibilitar ao aluno a ampliação do seu repertório de respostas diante de situações novas, auxiliando-os a tomar decisão.

5. TRABALHANDO COM CONCEITOS

MUDANÇAS, MODELO E CRISE-PROBLEMA

Tendo escolhido o tema para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso, foram elencados os conceitos-chaves que seriam objeto de estudo e teorização: mudanças, modelo e crise-problema.

Inicialmente busquei auxílio junto ao dicionário da Língua Portuguesa do professor doutor Antonio Augusto Soares Amora. O significado do vocábulo Mudanças, segundo Soares Amora é o de mudar-se de um local para outro ou de uma habitação para outra, entretanto a palavra Mudar recebe o significado de transformar-se. E é neste sentido que este conceito foi pensado para a realização deste TCC. Um dos significados dado por Soares Amora para a palavra modelo, coisa que merece ser imitada, me parece bastante própria para a realização deste trabalho.

Relacionando os conceitos: transformar a realidade, seguindo novos modelos, utilizando uma crise-problema como aprendizagem e desta forma destinar uma forma diferenciada de encará-los, ampliando o repertório de respostas.

Ao me referir à mudança não posso deixar de citar Paulo Freire (1996, p. 76), “É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo.”. Obviamente que Freire referiu-se ao fato de ser função do ser humano transformar a realidade, de poder criar possibilidades e provocar mudanças. Não deve ser da natureza do homem a aceitação, como se tudo estivesse predeterminado, é possível e necessário intervir e desta forma mudar os rumos da história. É premente que se entenda que a história é o conjunto de ações diárias e que cada um de nós tem condições de, ao fazer suas escolhas, modificar o futuro. Mas creio que tão importante quanto sabermos que é possível modificar a realidade em que estamos inseridos é aprendermos a refletir sobre as situações que se apresentam e a partir dessa consciência, entender a necessidade de tomar uma posição.

Ao referir-se ao “inacabamento do ser” Freire faz essa ressalva, não basta ter a consciência de que o homem está em processo constante de aprendizagem, de mudanças. É necessário que tendo este conhecimento não se permita acomodar-se, simplesmente.

“Só o ser inacabado, mas que chega a saber-se inacabado, faz a história em que socialmente se faz e se refaz. O ser inacabado, porém, que não se sabe assim, que apenas contacta o seu suporte, tem história, mas não a faz. O ser humano que, fazendo história, nela se faz, conta não só a sua, mas também a dos que apenas a têm. Uma das diferenças fundamentais entre o ser que intervém no mundo e o que puramente mexe no suporte é que, enquanto o segundo se adapta ou se acomoda ao suporte, o primeiro tem na adaptação um momento apenas do processo de sua permanente busca de inserção no mundo”.

6. TEORIZANDO

Tomando como base o trabalho desenvolvido durante o estágio obrigatório realizado, minha intenção primeira era a de que ao conhecerem suas histórias familiares, suas origens, entendessem que a história é feita dia-a-dia, que é de atitudes cotidianas que são construídos os fatos e que estes são responsáveis pela realidade em que vivemos. Mas entenderem isso não me parece suficiente, é necessário que sabedores da condição de construtores da história, percebam que os caminhos percorridos oferecem opções e que dependendo do esforço de cada um, é

possível transformar a realidade, mudar a história. Se é possível criar, por que não seria possível transformar o que foi criado?

Freire afirma: “Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar” (1996, p.77).

Em todos os anos em que trabalho em escola pública, uma questão me atormenta: fazer com que meus alunos entendam que o fato de morarem em um bairro de periferia e de terem uma situação econômica difícil estas são condições temporárias e que dependendo de seus esforços poderão construir uma nova realidade.

Concordo com Freire quando afirma que “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” Infelizmente a escola não está cumprindo seu papel, o número de analfabetos funcionais está crescendo, ou seja, o aluno sai da escola, decodificando símbolos, sem conseguir entender o significado do que leu e desta forma sem ter opinião formada sobre as situações que necessite enfrentar. Assim não consegue se posicionar. É preciso que seja preparado para interpretar o mundo que o cerca, pois a partir do momento que o compreende consegue criar hipóteses a respeito e definir as atitudes necessárias para mudar o que precisa ou gostaria que fosse mudado.

Mas, independente de reconhecer que o papel da escola é fundamental para a construção de uma sociedade realmente democrática, tem que se ter cuidado para que nossos discursos não se tornem vazios, pois há de se ter humildade para perceber que muitos obstáculos serão encontrados e persistência para dar continuidade a nosso trabalho pois dizer, simplesmente, a nossos alunos que uma sociedade mais justa é possível, não basta. Faz-se necessário um trabalho conjunto, onde escola e família tenham a mesma meta: a formação de um cidadão crítico e atuante.

Acredito no jovem e que uma sociedade mais justa é possível. Por trabalhar em uma escola pública e conhecer a realidade em que está inserida acredito que é

possível proporcionar a nossos alunos uma educação de qualidade mesmo nos lugares mais humildes.

Levando-se em conta os fatos relatados em capítulos anteriores, torna-se claro que uma quantidade expressiva dos alunos enfrenta problemas familiares. Sendo assim, parece ser a escola o espaço em que as crianças buscam abrigo, conforto e segurança. Reconheço que não há nada que eu, educadora, possa fazer para resolver problemas que envolvem questões tão complexas. O que está ao meu alcance é fazer com que meus alunos sintam prazer em estar em sala de aula, que queiram voltar no dia seguinte, que percebam que são indivíduos únicos e capazes apesar da realidade em que vivem e mais do que isto, que entendam que existem possibilidades de transformá-la.

“Da mesma forma como o operário tem na cabeça o desenho do que vai produzir em sua oficina, nós, mulheres e homens, como tais, operários ou arquitetos, médicos ou engenheiros, físicos ou professores, temos também na cabeça, mais ou menos, o desenho do mundo que gostaríamos de viver. Isto é a utopia ou o sonho que nos instiga a lutar”.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 27ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e outros escritos. 1ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Tradução de José Campos Forte. 3ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. **Saberes, Tempo e Aprendizagem do Trabalho no Magistério**. *Educação e Sociedade*. Campinas: CEDES. V. 21, n. 73, dez. 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003. (cap. 3. pág. 112 -149).

SOUZA, Joci Aparecida. [Estágio]
[Porto Alegre: UFRGS/FACED/PEAD, 2010]. [s.p.]
<http://jocisouzaestagio.pbworks.com/w/session/loggedout>

ANEXO A

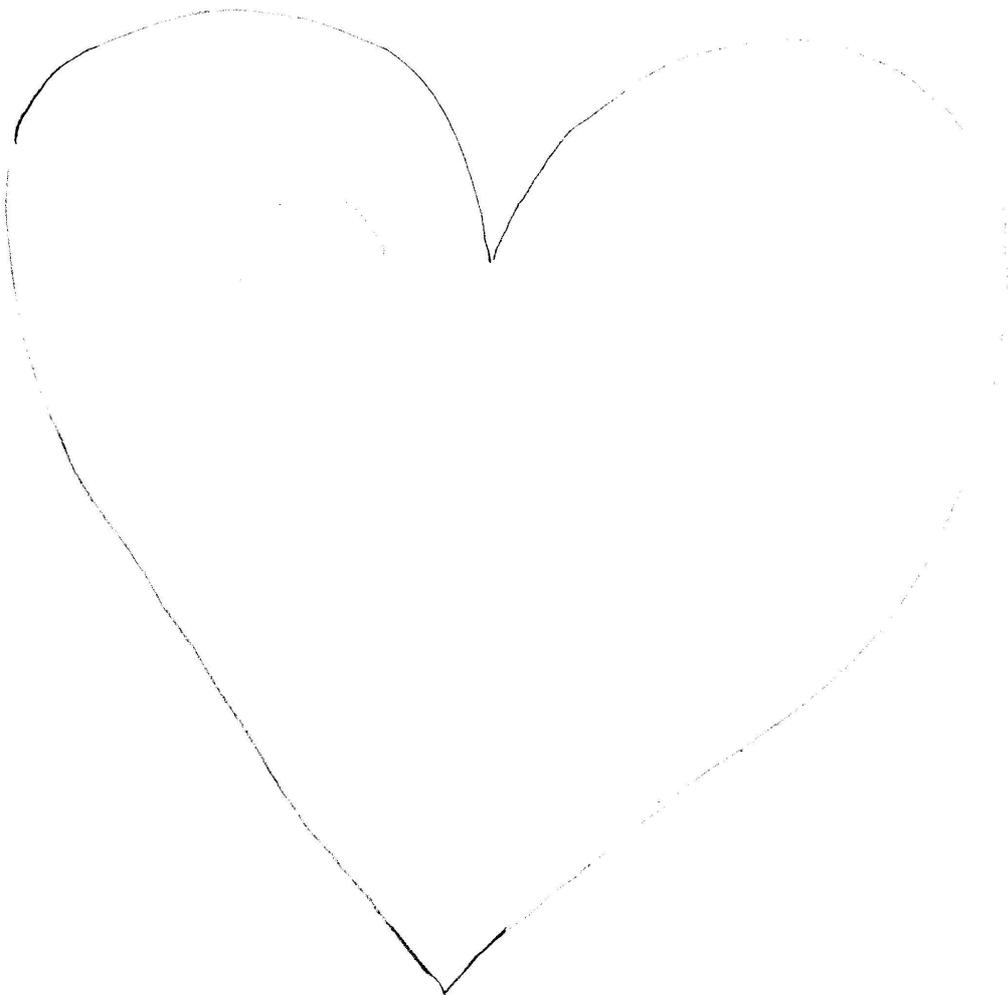
Produção textual da aluna, que deu origem à atividade denominada "Reflexão". A continuação desta produção textual foi feita no verso da folha.

Eu nasci em Porto Alegre eu morava numa casa de madeira com os meus pais quando eu era bebê depois se mudamos para outra casa lá eu conheci amigos moramos lá muito tempo até de mês se mudamos demorei para um apartamento lá as coisas ficaram mais difíceis os meus pais brigavam até eles se separaram daí eles demorei comeram a mamãe mais eles ainda brigavam no dia do aniversário do meu pai a minha mãe foi trabalhar de noite eu tava na minha vó e meu pai chegou e tava considerando todo mundo pra ir na pizzaria ele pediu também pediu a moto pro meu tio a moto para ele ir buscar a minha mãe passou pras e o meu tio chegou chorando a minha vó mamãe eu e a filha do meu tio para casa da minha mãe e a minha vó chegou também e eles comeram a choro também eu come sei achou e eu descolou que o meu pai tinha matado a minha mãe muito triste e daí passou meses e aconteceu que o meu tio faleceu então eu fiquei mais triste ainda

ANEXO B

Continuação da produção textual, verso da folha.

mas eu ergi a cabeça e hoje eu
estou qui e more com a minha
vó.



ANEXO C

Produção da mesma aluna, elaborada em 1º de março deste ano.

Nome: Luciana / turma: 1º D data: 14/03/10

✿ Pensa e responde com clareza: ♡

1) O que a escola representa pra ti? Representa educar, amar com o próximo, respeito com o colega e aprender coisas que não sabia. ♡

2) O que tu espera deste ano? Eu espero passar no colégio, orgulhar a minha família e que esse ano seja de paz amor e felicidade. ♡

3) Quais tuas maiores dificuldades no ano de 2009? Minha maior dificuldade foi a morte da minha mãe, o meu pai indo preso e a morte do meu tio. ♡

4) O que mais gosta na escola? De aprender, escrever e dos colegas e amigos. ♡

ANEXO D

Produção textual sobre as Reflexões diárias.

Reflexão

Bom eu vou começar a falar a reflexão esta sendo ótima para mim eu falo com o meu caderno estranho né mais é que com minha melhor amiga minha mãe ela não está sempre disponível por que ela está comanda então é com o meu caderno que posso disalar
fazer entende, a reflexão pra mim tá sendo tudo eu falo tudinho para ele eu gosto de falar as coisas por que o caderno não fala sabe então eu me sinto segura e eu posso contar tudo para ele é tipo o meu diário eu falo com ele sabe eu gosto muito mesmo eu adoro escrever o que está dentro de mim coisas boas e ruins. Quando eu não falo com a minha mãe é com o caderno ou o diário que eu falo, bom é isso que ⇒

ANEXO E

Continuação da produção sobre as reflexões.

gosto de fazer eu acho muito bom é com ele que estudo "hashashos".

O caderno pra mim é tudo o diário também eu não gostava de escrever o meu diário não tinha nada escrito agora to indo para o segundo a reflexão me ensinou que escrever é tudo.

das vezes as minhas reflexões são bem grandes engraçadas a zora gosta delas e eu fico feliz com isto.

Fim